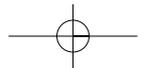
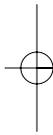
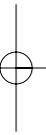


Primeira Parte	9
Segunda Parte	115
Terceira Parte	227
Quarta Parte	333
Quinta Parte	411
Sexta Parte	517
Sétima Parte	625
Oitava Parte	717
Notas	765
Posfácio de Vladimir Nabokov Anna Karénina (1877)	775
Sobre o Tradutor	793

Primeira Parte



I

Todas as famílias felizes se parecem umas com as outras, cada família infeliz é infeliz à sua maneira.

Tudo era confusão em casa dos Oblonski. A mulher soubera que o marido mantinha uma relação com a antiga precetora francesa e informou-o de que não podia continuar a viver com ele na mesma casa. Havia três dias que esta situação durava e era penosa para os próprios esposos e para todos os membros da família, incluindo os criados. Todos os membros da família e os criados sentiam que a sua vida em comum não fazia sentido e que até as pessoas que se encontram casualmente numa estalagem estão mais ligadas entre si do que eles, membros da família e criados dos Oblonski. A mulher não saía dos seus aposentos, o marido não vinha a casa havia três dias. As crianças corriam por toda a casa, como que perdidas; a precetora inglesa zangou-se com a governanta e escreveu uma carta a uma amiga pedindo-lhe que lhe arranjasse outra colocação; o cozinheiro tinha abandonado a casa no dia anterior, à hora do jantar; a ajudante de cozinheira e o cocheiro pediram as contas.

No terceiro dia depois da briga, o príncipe Stepan Arkáditch¹ Oblonski — Stiva, como lhe chamavam em sociedade —, à hora habitual, ou seja, às oito da manhã, acordou não no quarto da mulher, mas no seu escritório, no sofá de marroquim. Virou o corpo cheio e bem cuidado nas molas do sofá como se desejasse adormecer de novo por muito tempo, abraçou com força a almofada e pôs nela a face; mas de repente saltou, sentou-se no sofá e abriu os olhos.

«Sim, sim, como era aquilo? — pensou, recordando o sonho. — Sim, como era? Ah, sim! Alabin oferecia um jantar em Darmstadt; não, não era Darmstadt, mas qualquer coisa americana. Sim, mas Darmstadt era na América. Sim, Alabin oferecia um jantar em mesas de vidro — e as mesas cantavam: *Il mio tesoro*, mas não era *Il mio tesoro*, era qualquer coisa melhor, e havia umas garrafas pequeninas, que afinal eram mulheres», lembrou-se.

Os olhos de Stepan Arkáditch brilharam alegremente e ele ficou a pensar, sorrindo. «Sim, era bom, muito bom. Havia ainda muitas coisas excelentes, impossíveis de dizer por palavras e de expressar por pensamentos.» E, re-

parando numa faixa de luz que penetrava pelo lado de um dos reposteiros de lã, desceu alegremente os pés do sofá, procurando os chinelos de carneira bordados a ouro pela mulher (presente de aniversário no ano anterior), e por um hábito de nove anos, sem se levantar, estendeu a mão para o lugar onde no quarto costumava estar pendurado o roupão. Então lembrou-se de repente de como e porque estava a dormir não no quarto da mulher, mas no seu escritório; o sorriso desapareceu do seu rosto e ele franziu a testa.

«Ai, ai, ai! Aaah...», gemeu ao lembrar-se de tudo o que acontecera. E de novo surgiram na sua imaginação todos os pormenores da briga com a mulher, todo o impasse da sua posição e, pior do que tudo, a sua própria culpa.

«Não! Ela não me perdoa e não pode perdoar. E o mais horrível é que a culpa é toda minha — a culpa é minha, e não sou culpado. Nisso está todo o drama — pensava. — Ai, ai, ai!», murmurou com desespero, lembrando os pormenores dessa briga mais difíceis para si próprio.

O pior de tudo tinha sido aquele primeiro momento, quando, ao voltar do teatro alegre e contente, trazendo na mão uma pera enorme para a mulher, não a encontrou na sala de estar; para sua surpresa, também não a encontrou no gabinete e foi por fim no quarto que a viu com o infeliz e revelador bilhete na mão.

Ela, Dollí, a eterna preocupada e azafamada, e não muito inteligente, como ele a considerava, estava sentada imóvel com o bilhete na mão e olhava para ele com uma expressão de horror, desespero e fúria.

— O que é isto? Isto? — perguntou, mostrando o bilhete.

E a esta recordação, como muitas vezes acontece, o que atormentava Stepan Arkáditch não era tanto o próprio acontecimento, mas o modo como ele respondera a estas palavras da mulher.

Aconteceu-lhe naquele momento o que acontece às pessoas quando são inesperadamente apanhadas em qualquer coisa demasiado vergonhosa. Não soube preparar o seu rosto para a situação em que ficou perante a mulher depois da descoberta da sua culpa. Em vez de se ofender, de negar, de se justificar, de pedir perdão ou mesmo de se manter indiferente — tudo era melhor do que aquilo que ele fez! — o seu rosto, de um modo completamente involuntário («reflexos do cérebro», pensou Stepan Arkáditch, que gostava de fisiologia), de um modo completamente involuntário sorriu de súbito num sorriso habitual, bondoso e, por isso, tolo.

Não conseguia perdoar-se a si mesmo aquele sorriso tolo. Ao ver aquele sorriso, Dollí estremeceu, como sob o efeito de uma dor física, e com a foga que lhe era própria rompeu numa torrente de palavras violentas e saiu do quarto a correr. Desde então não queria ver o marido.

«Toda a culpa era daquele sorriso tolo», pensava Stepan Arkáditch.

«Mas que fazer? Que fazer?», perguntava desesperado a si mesmo e não encontrava resposta.

II

Stepan Arkáditch era um homem sincero consigo mesmo. Não podia enganar-se e dizer a si próprio que estava arrependido do seu comportamento. Não podia arrepender-se agora daquilo que se arrependera seis anos antes, quando pela primeira vez fora infiel à mulher. Homem de trinta e quatro anos, belo e apaixonado, não podia arrepender-se de já não amar a mulher, mãe de cinco filhos vivos e dois mortos, que era apenas um ano mais nova do que ele. Só se arrependia de não ter sabido esconder melhor as coisas. Mas sentia toda a gravidade da sua situação e tinha pena da mulher, dos filhos e de si próprio. Talvez tivesse sido capaz de ocultar melhor as suas faltas da mulher se pensasse que teriam tal efeito nela. Nunca tinha pensado claramente nessa questão, mas imaginava confusamente que a mulher adivinhara havia muito que ele lhe era infiel e fazia vista grossa. Achava até que, por uma questão de justiça, ela, uma mulher gasta, envelhecida, já sem beleza e sem nada de notável, simplesmente uma boa mãe de família, se devia mostrar indulgente. Revelou-se precisamente o contrário.

«Ah, é horrível! Horrível! — repetia Stepan Arkáditch para si mesmo e não conseguia encontrar solução. — E estava tudo tão bem antes disto, tínhamos uma vida tão boa! Ela andava contente, feliz com as crianças, eu não a incomodava em nada, deixava-a ocupar-se dos filhos, da casa, como ela queria. É verdade, não está bem que *ela* tenha uma precetora em nossa casa. Não está certo! Há qualquer coisa de vulgar, de vil, em cortejar a precetora. Mas que precetora! (Recordou vivamente os olhos negros e travesos de Mlle Roland e o seu sorriso.) Mas enquanto ela esteve em nossa casa eu nunca me permiti nada. E o pior de tudo é que ela já... Logo havia de acontecer uma coisa destas como que de propósito! Ai, ai, ai! Mas que fazer, que fazer?»

Não havia resposta para além daquela resposta geral que a vida dá às questões mais complexas e insolúveis. Essa resposta é: há que viver as exigências do dia, ou seja, esquecer. Esquecer no sono já não era possível, ao menos até à noite, não era possível já voltar àquela música cantada pelas garrafas-mulheres; portanto, havia que esquecer no sonho da vida.

«Depois se verá», disse Stepan Arkáditch para si mesmo, levantando-se. Vestiu o roupão cinzento com forro azul de seda, prendeu o cinto com um nó e, enchendo bem de ar a ampla caixa do peito, aproximou-se da janela no habitual passo decidido dos seus pés cambados, que suportavam tão facilmente o seu corpo cheio, levantou a cortina e tocou fortemente a campainha. Em resposta ao toque, entrou imediatamente o seu velho amigo, o camareiro Matvei, trazendo o fato, as botas e um telegrama. Atrás de Matvei entrou o barbeiro com os apetrechos de barbear.

— Alguns papéis da repartição? — perguntou Stepan Arkáditch, pegando no telegrama e sentando-se diante do espelho.

— Em cima da mesa — respondeu Matvei, olhando o amo interrogativamente, com simpatia, e depois de uma breve pausa acrescentou com um sorriso astuto: — Veio alguém da parte do dono da cocheira.

Stepan Arkáditch não respondeu, limitando-se a olhar Matvei no espelho; pelo olhar que assim trocaram era visível como se compreendiam um ao outro. O olhar de Stepan Arkáditch parecia perguntar: «Porque estás a dizer isso? Pois tu não sabes?»

Matvei enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta, afastou um pé e olhou para o amo em silêncio, com bonomia e um leve sorriso.

— Mandei-os vir no próximo domingo e que até lá não incomodassem o senhor nem se incomodassem em vão — disse ele, numa frase obviamente preparada.

Stepan Arkáditch compreendeu que Matvei queria gracejar e chamar a atenção para si mesmo. Abrindo o telegrama, leu-o, corrigindo mentalmente as palavras incompletas como sempre, e o seu rosto iluminou-se.

— Matvei, a minha irmã Anna Arkádievna chega amanhã — disse ele, parando por um momento a mão lustrosa e roliça do barbeiro que abria um caminho rosado entre as suíças longas e frisadas.

— Louvado seja Deus — disse Matvei, mostrando com esta resposta que compreendia, tal como o seu senhor, o significado dessa vinda, ou seja, que Anna Arkádievna, a querida irmã de Stepan Arkáditch, podia contribuir para a reconciliação entre o marido e a mulher.

— Sozinha ou com o esposo? — perguntou Matvei.

Stepan Arkáditch não podia falar porque o barbeiro estava ocupado com o lábio superior, e levantou um dedo. Matvei, no espelho, acenou a cabeça.

— Sozinha. Preparo os aposentos em cima?

— Diz a Dária Aleksándrovna, para que decida.

— A Dária Aleksándrovna? — repetiu Matvei como que duvidoso.

— Sim, diz-lhe. Leva-lhe o telegrama e conta-me o que ela disser.

«Quer experimentá-la», compreendeu Matvei, mas apenas disse:

— Muito bem, senhor.

Stepan Arkáditch estava já lavado e penteado e preparava-se para se vestir quando Matvei, caminhando lentamente nas suas botas rangedoras, com o telegrama na mão, voltou ao quarto. O barbeiro já tinha saído.

— Dária Aleksándrovna mandou informar que vai partir e que ele, quer dizer, o senhor, faça como entender — disse Matvei rindo-se apenas com os olhos e, metendo as mãos nos bolsos e inclinando a cabeça para o lado, olhou fixamente o amo.

Stepan Arkáditch ficou em silêncio. Depois um sorriso bondoso e um tanto lastimável iluminou-lhe o belo rosto.

— Hem, Matvei, que achas? — disse, abanando a cabeça.

— Não tem mal, senhor, tudo se arranja — disse Matvei.

— Arranja?

— Exatamente, senhor.

— Achas? Quem está aí? — perguntou Stepan Arkáditch ao ouvir atrás da porta o som de roupas femininas.

— Sou eu, senhor — disse uma voz firme e agradável de mulher, e à porta surgiu o rosto severo e bexigoso da aia, Matriona Filimónovna.

— Então, Matriocha? — perguntou Stepan Arkáditch saindo ao encontro dela.

Apesar de ser totalmente culpado aos olhos da mulher e de ele próprio se sentir culpado, quase todos em casa, até a aia, principal amiga de Dária Aleksándrovna, estavam do lado dele.

— E então? — perguntou ele tristemente.

— Vá ter com a senhora, peça perdão mais uma vez, meu senhor. Talvez Deus permita. Ela sofre muito, dá pena ver, e toda a casa anda numa desordem. É preciso ter pena das crianças, meu senhor. Peça perdão, senhor. Que se há de fazer! É preciso pagar...

— Mas ela não me recebe...

— Mas o senhor faça a sua parte. Deus é misericordioso, reze a Deus, meu senhor. Reze a Deus.

— Bom, está bem, agora vai — disse Stepan Arkáditch, subitamente ruborizado. — Anda, vamos vestir — disse, dirigindo-se a Matvei e despindo resolutamente o roupão.

Matvei já segurava a camisa preparada, soprando qualquer coisa invisível, e com evidente satisfação envolveu com ela o corpo cuidado do amo.

III

Depois de se vestir, Stepan Arkáditch perfumou-se, endireitou as mangas da camisa, com gestos habitados distribuiu pelos bolsos os cigarros, a carteira, fósforos, o relógio com dupla corrente e berloques e, sacudindo o lenço, sentindo-se limpo, perfumado, saudável e fisicamente animado apesar da sua infelicidade, saiu estremeçando ligeiramente a cada passo, dirigindo-se para a sala de jantar onde já o esperava o café e, ao lado do café, cartas e papéis da repartição.

Leu as cartas. Uma delas era muito desagradável — era de um comerciante que comprava a madeira da propriedade da mulher. Era necessário vender aquele bosque; mas agora, em vias de reconciliação com a mulher, isso estava fora de

questão. O mais desagradável era que assim se misturava um interesse monetário com a questão da sua reconciliação com a mulher. E a ideia de que pudesse ser movido por esse interesse, de que poderia procurar a reconciliação com a mulher para a venda do bosque, parecia-lhe ultrajante.

Terminadas as cartas, puxou os documentos da repartição, folheou rapidamente dois processos, fez algumas anotações com um grande lápis e, colocando os processos de lado, começou a tomar o café; durante o café abriu o jornal da manhã ainda húmido e começou a lê-lo.

Stepan Arkáditch recebia e lia um jornal liberal, não extremista, mas da orientação apoiada pela maioria. E apesar de não se interessar particularmente nem pela ciência, nem pela arte, nem pela política, seguia firmemente em relação a todas essas matérias as opiniões seguidas pela maioria e pelo seu jornal, e só as mudava quando a maioria as mudava ou, melhor dizendo, não as mudava, mas elas mesmas mudavam nele impercetivelmente.

Stepan Arkáditch não escolhia orientações nem opiniões, mas eram essas orientações e opiniões que vinham ao seu encontro; do mesmo modo que não escolhia as formas do chapéu ou da sobrecasaca, mas comprava os que toda a gente usava. E para ele, que vivia numa certa sociedade em que era exigida alguma atividade mental que se desenvolve habitualmente com a maturidade, era tão necessário ter opiniões como usar chapéu. E se havia algum motivo para que ele preferisse a tendência liberal à conservadora, que também era seguida por muitos do seu círculo, não era porque achasse o liberalismo mais racional do que o conservadorismo, mas porque condizia melhor com a sua maneira de viver. O partido liberal dizia que na Rússia estava tudo mal, e de facto Stepan Arkáditch tinha muitas dívidas e decididamente não lhe chegava o dinheiro. O partido liberal dizia que o casamento era uma instituição obsoleta a precisar de reforma, e realmente a vida familiar trazia poucos prazeres a Stepan Arkáditch e forçava-o a mentir e a fingir, o que tanto repugnava à sua natureza. O partido liberal dizia, ou antes, sugeria que a religião era apenas um freio para a parte bárbara da população, e efetivamente Stepan Arkáditch não podia suportar nem a mais breve cerimónia religiosa sem que lhe doessem as pernas e não conseguia compreender para que serviam todas aquelas palavras terríveis e grandiloquentes sobre o outro mundo, quando neste era tão agradável viver. Ao mesmo tempo, Stepan Arkáditch, que gostava de uma boa piada, sentia por vezes prazer em deixar perplexas algumas boas almas dizendo que, se queriam orgulhar-se da sua linhagem, não deviam parar em Rurik² e renegar o primeiro ascendente — o macaco. Portanto, a orientação liberal tornou-se um hábito para Stepan Arkáditch, e ele gostava do seu jornal, como gostava do charuto depois do almoço, por causa da ligeira bruma que lhe provocava na cabeça. Leu o editorial, onde se afirmava que no nosso tempo se levanta um clamor absolutamente inútil segundo o qual o radicalismo ameaça devorar

todos os elementos conservadores e que o Governo teria o dever de tomar medidas para esmagar a hidra revolucionária, que, pelo contrário, «em nossa opinião, o perigo está não na suposta hidra revolucionária, mas na obstinação do tradicionalismo que entrava o progresso», etc. Leu ainda outro artigo, financeiro, em que se falava de Bentham e de Mill³ e se lançavam remoques contra o ministério. Com a rápida percepção que lhe era característica, compreendia o significado de cada remoque: de quem vinha e a quem era dirigido e por que motivo, e isso dava-lhe, como sempre, alguma satisfação. Mas hoje essa satisfação era envenenada pela recordação dos conselhos de Matriona Filimónova e da triste situação em casa. Leu também acerca do conde Beust que, ao que se dizia, passara por Wiesbaden, e de que iam acabar os cabelos grisalhos, e sobre a venda de um coche, e sobre uma jovem que oferecia os seus serviços; mas essas informações não lhe proporcionavam a habitual satisfação calma e irónica.

Terminado o jornal, a segunda chávena de café e um pãozinho com manteiga, levantou-se, sacudiu as migalhas do colete, e endireitando o peito largo, sorriu alegremente, não porque tivesse no espírito alguma coisa particularmente agradável — o sorriso alegre era provocado pela boa digestão.

Mas esse sorriso alegre imediatamente o fez lembrar de tudo, e ele ficou pensativo.

Atrás da porta ouviam-se duas vozes infantis (Stepan Arkáditch reconheceu a voz de Gricha, o menino mais pequeno, e de Tânia, a menina mais velha). Transportavam qualquer coisa que deixaram cair.

— Eu disse que não se podiam sentar passageiros no telhado — gritava a menina em inglês —, agora apanha!

«Está tudo numa confusão — pensou Stepan Arkáditch —, andam as crianças a correr sozinhas.» E, aproximando-se da porta, chamou-as. As crianças largaram o cofre, que representava o comboio, e correram para o pai.

A menina, a preferida do pai, entrou a correr sem hesitação, abraçou-o e, rindo-se, pendurou-se-lhe ao pescoço, como sempre, alegrando-se com o cheiro a perfume que lhe exalava das suíças. Depois de lhe beijar o rosto avermelhado da posição inclinada e radioso de ternura, a menina soltou as mãos e queria afastar-se; mas o pai reteve-a.

— Como está a mamã? — perguntou, acariciando o pescoço liso e suave da filha. — Bom dia — acrescentou dirigindo-se ao rapazinho que o saudava.

Tinha consciência de que gostava menos do filho e procurava sempre ser justo, mas o menino sentia isso e não respondeu com um sorriso ao sorriso frio do pai.

— A mamã? Já se levantou — respondeu a menina.

Stepan Arkáditch suspirou. «Portanto, passou outra vez a noite sem dormir», pensou.

— E então, está alegre?